

# CASA GRANDE E SENZALA COM ANTENA PARABÓLICA

Jacques Alkalai Wainberg

## Arquipélago ou continente?

Arquipélago, diz Roger Bastide. Mas um arquipélago banhado pelas mesmas águas. (Língua e religião que, aparentemente, parecem constituir-se nos poucos elementos integradores da nacionalidade nos quais os autores tendem a concordar. É o que lembra Gilberto Freyre:

*"Através de certas épocas coloniais observou-se a prática de ir um frade a bordo de todo navio que chegasse a porto brasileiro a fim de examinar a consciência, a fé, a religião do adventício. O que barrava então o imigrante era a heterodoxia, a mancha do herege na alma e não a mongólia no corpo. De que se fazia questão era de saúde religiosa ... soubesse rezar o padre nosso e a ave-maria, dizer creio-em-Deus, fazer o pelo-sinal-da-Santa Cruz e o estranho era bem vindo no Brasil colonial." (FREYRE, 1981:39.)*

Ôco! É um país ôco, como diagnosticou Ortega aos argentinos, ou vazio, como preferiu Jacques Lambert. Ôco ou vazio não só por ter vastas regiões interioranas fragilmente ocupadas, mas porque, segundo os seguidores do pensador francês, sua identidade é indefinível.

É como se o Brasil estivesse em plena adolescência, perguntando-se "quem sou eu?" Daí a angústia dos textos de crise, como definidos por Carlos Guilherme Mota os clássicos diagnósticos da historiografia, sociologia e psicologia brasileira que se lançaram nesta redescoberta do país a partir dos anos 20. Emergem daí vários conceitos dissonantes. O de caráter nacional, por exemplo, que serviria aos propósitos de revelar raízes profundas, ocultas mas perenes.

"Pura tolice", diz Oliveiros S. Ferreira (**O ESTADO DE SÃO PAULO**, p. A4, 26/11/93) fazendo eco a Dante Moreira Leite. Para a celebração do Brasil desde o nativismo, passando pelo romantismo,

pelo indianismo, ou ainda pelo sertanejo (que "é antes de tudo, um forte", e que "não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral", conforme Euclides da Cunha (**EM OS SERTÕES**, 1925.)), tudo é ideologia (saber sob suspeita, entre emotivo e dogmático, conforme Alfredo Bosi). Nada, pois, de homens cordiais e democratas raciais. Nada de pensar o país por simplificações estereotipadas que revelam marcas superficiais, tangentes.

Tais e outras posições do tipo permitem afirmar, pelo menos, a centralidade que esta inquirição tem ocupado na reflexão cultural do país: face a opacidade de sua auto-imagem, o Brasil, como fenômeno, tem sido objeto de observação intensa.

O que intriga neste olhar é o resultado: integração política, integração lingüística e religiosa, num estado potencial de dispersão regional e entropia étnica. A solução do impasse é ser flexível e aceitar a proposição de Roland Corbisier. Cultura brasileira, afirma, equivale à formação histórica do povo brasileiro. "É a totalidade da vida em movimento." (CORBISIER, 1958: 54.) Para ele, a história é a biografia da cultura humana. Por consequência, uma nação é um processo que transcorre no tempo. Não é possível congelá-la, nem afirmar, com dogmas, qual o seu caráter, como se indivíduos separados no tempo e no espaço apresentassem a mesma mentalidade.

#### **O que é, é situado e datado!**

O despertar da modernidade dos anos 20 trouxe consigo a busca das Raízes, da Civilização Brasileira, da Identidade Nacional e do Retrato do País. Importa, para nossos fins, mais entender este fenômeno que os diagnósticos nem sempre confiáveis.

Seria, talvez, no limiar dos novos tempos, o "povo" em "aceleração evolutiva". O "povo novo" desalienando-se. Ou seja, passando a uma outra etapa sócio-cultural, como sugere Darcy Ribeiro.

O que a modernidade propôs com a urbanização, a industrialização e a crise das oligarquias rurais foi a construção da nacionalidade. Este é o tema focal desde então e que dá sentido à ação da indústria cultural - que media a construção deste imaginário e que, com o passar dos anos, capacita mais e mais a criar "estados emocionais coletivos", conforme Renato Ortiz (1989). Estados emocionais tão necessários e urgentes para quem é, em suma, não se

pode esquecer, um continente, na verdade!

Tal fenômeno é igualmente assinalado por Ecléa Bosi.

Juntam-se na nova era da divisão do trabalho, o consumo como requisito, o lucro como valor, o sincretismo e a homogeneização de hábitos e costumes no contexto da dinâmica repetição-novidade proposta pelos bens massivos. Por consequência, diz ela, arquétipos transformam-se em estereótipos ("Fabricam-se praticamente novelas sentimentais em cadeia, a partir de certos modelos que chegam a ser conscientes e nacionalizados. Também o coração pode ser posto em conserva.")

É como ocorre nestes casos começa a haver neste tipo de mensagens massivas "uma alta dose de regressão infantil nas mensagens para adultos."

A cultura de massa tangencia a superior, integrando os apocalípticos, e ambiciona absorver as camadas da população. Ambiciona, mas não consegue.

No caso do Brasil, até a década de 60, não é o caso, diz Ortiz, já que faltaria à indústria cultural um traço essencial, o seu caráter integrador (o que é obtido definitivamente com a revolução recente das telecomunicações.) Não é o caso também em 1970, segundo Roberto Schwarz (citado por Carlos Guilherme Mota), pois "a chamada cultura brasileira não chegaria a atingir, com regularidade e amplitude, 50 mil pessoas, num país de 90 milhões de habitantes". (MOTA, 1977: 22.) Também aqui há evolução, com o aumento da escolaridade, com índices crescentes de alfabetização e melhoria da qualidade de vida.)

É nessa busca de si próprio e o desenvolvimento de elos integradores com os marginalizados que vejo a intersecção dos textos de crise (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e outros) - que buscam realçar o que é distinto no Brasil e os *mass media* contemporâneos, concebidos como teia ou rede que a todos pretende alcançar, superando barreiras físicas, raciais, regionais, econômicas e religiosas.

Percebe-se tal tendência já na década de 30. Luta-se pela unificação política, sucedida por esforços de integração cultural. O Estado Novo é exemplar no uso do rádio. O cinema fala do país como ele é. Reage ao *estrangeirismo*. Os jornais, em cadeia, formam conglomerados, abrindo janelas a novos cenários e horizontes. O

país se lê. Se ouve. E se vê a partir de 1950.

O contexto da inserção dos *mass media* e de seu desenvolvimento é o da articulação política e cultural, na formulação da unidade e constrangimento da diversidade. É a hora do Todo. As advogacias das Partes são interpretadas como regressivas. Tal trajetória revela o processo iniciado com os Tenentes, com a ascensão das novas classes burguesas e a queda dos cafeicultores e o mundo agro-pastoril. Com as quarteladas, rebeliões, formações de partidos políticos de base urbana, como sugere Octavio Ianni. É uma era que permite exagerar: o Brasil começa em 1920, toma impulso nos anos 30, e amadurece nas décadas de 60 e 70.

Fazendo eco à revolução bolchevique em 1917, a greve operária paralisa São Paulo naquele ano. Depois o Partido Comunista é fundado (1922); no Rio, a revolta militar. A Semana de Arte Moderna, a Coluna Prestes, Macunaíma, os livros de Fernando Azevedo, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna. Chega Vargas. Cai Washington Luís. O Brasil ferve.

Vem o MASP, a Vera Cruz, a fotonovela, a Cásper Líbero, a TV Tupi.

Nacionalismo!

A língua, à semelhança de Gregório de Matos - um dos primeiros a assimilar brasileiro na língua portuguesa - é vista como "fonte inequívoca de nossa autenticidade." O cinema privilegia a fala nacional como forma de fazer frente à "alienação cultural", como ressalta Renato Ortiz.

É a hora do mercado, o mercado de bens simbólicos.

Aceita-se aqui a provocação deste autor ao afirmar que "difícilmente a literatura sobre a identidade cultural e os meios de comunicação de massa poderia fugir desse quadro mais amplo que compreende a questão cultural como um confronto entre o nacional e o estrangeiro".

Outros confrontos emergem. Estavam à espreita!

Quem assimila quem, afinal? A cultura de massa acolhe a cultura popular, ou vice-versa?

Nessa relação entre mídia e cultura, no contexto econômico de um país capitalista, crescentemente envolvido na trama econômica internacional, aberto aos contatos, disponível às trocas, não é mais possível falar-se de culturas autóctones, autênticas, se é que elas existiram algum dia. A cultura popular, que emerge, e que existirá,

está hoje marcada por esta circunstância e este tempo: a presença crescente da mediação massiva. Vive-se o contexto da era da informação e seu impacto torna inviável, de forma crescente, formas de vida que não estejam marcadas pelo fenômeno da cultura mediada por tais aparatos tecnológicos. Há, pois, uma dinâmica entre o popular e o massivo que permite a hipótese de um jogo igualmente dialético entre o que-se-homogeneiza e o que-se-distingue.

Procedem, como pertinentes, considerando essas premissas, as categorias de Darcy Ribeiro. Este País Novo vive um momento de transmissão, no qual dominam novas tecnologias, a busca do progresso social e no qual se preserva, de um lado, o perfil étnico-cultural sem que esteja, do outro, imune ao impacto de sociedades mais desenvolvidas. É de se perguntar se o caldeamento das matrizes étnicas africanas, européias e indígenas bastam para explicar o brasileiro contemporâneo.

Bastam a Casa Grande e a Senzala, a Fazenda, a família e seus laços de pertinência, o sertão e o misticismo nacional, para explicar os maneirismos de hoje? Bastam as figuras de mucamas, sinhó-moços, Caramurus e Iracemas para explicar o que é vigente, ao que é contingenciado pela revolução tecnológica e o fenômeno da globalização? Surge, acreditamos, uma nova configuração histórico-cultural, nos termos de Darcy Ribeiro (como assinalado) face aos novos fatores de uniformização (satelitização, ubiqüidade dos meios massivos, a consolidação da indústria cultural, a incorporação de audiências antes marginalizadas, integração simbólica como requisito geopolítico, o entendimento de que esta rede crescentemente complexa é "recurso natural" e confere status, poder e capacidade de controle, nos termos propostos por Noam Chomsky, ou seja, de se criar o consenso e as ilusões necessárias ao corpo social.)

Tal percepção foi igualmente assinalada por Roland Corbisier em seu clássico ensaio *Formação e Problema da Cultura Brasileira*. Já em 1958 apresentava-se à frente de seus olhos os indícios evidentes e primeiros deste cenário recém descrito. Ele perguntava se a universalização, da ciência e da técnica européia, que torna cada vez mais intensa essa forma de contato, à distância entre as diversas culturas, entre povos arcaicos e subdesenvolvidos e a moderna técnica ocidental,

*"tenderá a estabelecer uma forma de contato em que os povos de periferia, que são objeto e não sujeito da história, assumirão, cada vez mais, ao menos no primeiro momento, uma atitude passiva e receptiva, pois a incorporação da técnica européia (hoje americana, japonesa, etc.), como veremos, é a condição básica de sua emancipação - tendência crescente à destruição da originalidade regional e ao desaparecimento das culturas, como cosmos autônomos e peculiares."* (CORBISIER, 1958: 26.)

O arquipélago - que persiste, paradoxalmente, face à continentalidade territorial - é banhada hoje, também, e principalmente, por esta revolução dos mass media (em especial as telecomunicações). Os efeitos da integração e homogeneização constituem-se, ao meu ver, na cena mais recente deste espetáculo que é a formação do Brasil. Os clássicos referidos raramente incorporam em suas análises este fenômeno da mediação massiva. Não é mais o caso de autores contemporâneos (como os aqui referidos, entre eles Alfredo e Éclea Bosi, Renato Ortiz) que já não podem escapar à esta evidência. A única forma da cultura que era possível ao homem colonial, a do conhecimento alheio, enchendo "o seu vazio interior com os produtos culturais estrangeiros, que nele se depositam, arbitrariamente e caprichosamente, sobre um fundo de torpor e sonolência vegetal, como as folhas mortas na superfície das águas estagnadas, ("Ibid., p.74.) já não caracteriza o nosso cenário cultural.

Temos o quê partilhar. O objeto do Brasil é o Brasil.

Cabe por isso distinguir entre cultura e caráter. O primeiro conceito, que nos interessa, nada tem a ver com traços eternos, mas é referir-se ao que é contemporâneo neste andar que revela a mais recente adaptação do homem brasileiro à natureza. É esse fator o determinante que adiciona à herança social nacional elementos enriquecedores e originais. Se, como afirma Darcy Ribeiro, "a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza de réplica conceitual da realidade"

"transmissível simbolicamente de geração à geração",

"através dos quais os homens se integram e se humanizam,"

*"incorporando-se a uma entidade étnica, ao aprenderem sua língua, ao se libertarem a fazer as coisas de acordo com as técnicas que ela domina, a comportar-se segundo as normas nela consagradas e, finalmente, viver de acordo com seus usos e costumes," então deveremos reconsiderar o proposto pelos clássicos e inserir num novo exto de crise este cruzamento entre cultura e a comunicação massiva.*

É esta a classe de fenômeno a ser avaliada no Brasil moderno. O poder dos *mass media* de iluminar e escurecer fatos, impor ou alterar modas, fortalecer e fragilizar crenças e atitudes, promover e abalar a auto-estima verde-amarela, fazer uso do acervo cultural disponível promovendo-o à estatura de imaginário coletivo, integrando o continente e dando a sensação de "pertencer" ao indivíduo.

São esses alguns dos temas que uma nova sociologia da crise brasileira tem pela frente. Uma Casa-Grande e Senzala com antena parabólica!

Esta é a cena que desafia as matrizes étnicas clássicas e referenciais que explicam o Brasil.

A cultura é e sempre foi percebida como a forma natural de ser por um indivíduo. Foi no passado, na era dos tropeiros e viajantes. E é, ainda mais significativamente, na era do satélite. Daí o etnocentrismo.

A senzala de então abriu espaço para o nosso *locus* existencial e dinâmico. Cabe ver este novo contexto mediado pela comunicação de massa, seus efeitos, os climas psicossociológicos gerados, avaliando-se, por consequência, como diz Élcea Bosi. "a interação dos indivíduos na rede social mediante os meios de comunicação."

Já há uma cultura nacional enraizada, como afirma Alfredo Bosi fruto deste andar histórico. Já há uma memória simbólica. Os agentes da cultura operam esta consciência grupal e apontam os projetos comuns ao futuro. O objeto que se impõe agora é a adaptação e a resistência ao mundo tecnológico que se altera e que exige novas leituras. Ou como diz o autor: "aculturar também é sinônimo de traduzir".

É a dinâmica do moderno e da tradição.

O que interessa são os conflitos do "aqui-e-agora" que levam a memória "a dar um boa forma ao legado aberto e polivalente do culto e da cultura." (BOSI, 35.)

### **Conclusão**

Em suma, o que se propôs nesta revisão bibliográfica sobre cultura brasileira é refletir sobre os paradigmas das matrizes étnicas como fatores determinantes que explicam a formação do homem brasileiro. Propomos que a modernidade ambiciona um salto,

desafiando o projeto colonial persistente na República Velha.

Tal salto propôs um novo ritmo e desenvolvimento. Não é necessário repetir aqui os números deste salto no que se refere à infra-estrutura cultural. Basta reafirmar que a união nacional é obtida pelo contato mediado o que permite uma difusão cultural sem paralelo a partir dos anos 80. Há uma política de comunicação instalada no interior e na fronteira, preenchendo os espaços por desejo premeditado e pré-concebido da Autoridade.

As novas tecnologias se popularizam. O país cria uma teia gigante de 3 mil emissoras de rádio, outra de telecomunicações. Entramos na era do satélite. Enfim, dá-se o salto.

O brasileiro que emerge no século XXI é pardo, é branco, é litorâneo, é sertanejo, é distinto e variado como sempre foi. Mas está mais próximo. E cultura provém destas vizinhanças partilhadas, dos olhares que se dá ao ambiente, e das decisões que se toma para domá-lo.

Por isso, não adoto a ousada e radical teoria de que não há cultura brasileira

*"Se considerarmos a chamada cultura nacional, veremos que esta não tem unidade, a não ser a língua e de organização política. Embora se possa, com certas restrições, falar em cultura de classe média, de classe pobre e de classe r.c.a. será muito difícil encontrar padrões comuns a essas várias classes", conforme Dante Moreira Lima. (MOREIRA LIMA, 1983: 122.)*

Especialmente na era das telecomunicações. O que os *mass media* provocaram foi exatamente isso: romper as fronteiras das diferenças e cruzá-las. O impacto e a profundidade do resultado é o objeto que deve nos ocupar daqui para a frente.

E se amanhã ou depois, um olhar retrospectivo for feito sobre o Brasil do século XX, o que verá?

Verá o que deve ver um olhar sobre a cultura em geral, ou seja, as encarnações do espírito humano (a matéria do que é feito, sua forma e o mais importante, o seu sentido, "a significação de que são portadores"). (CORBISIER, 1958: 14.)

O significado deste Brasil mediado já não é o mesmo da moral da senzala. O legado da geração modernizadora adquirirá vida própria, convertendo-se em "espírito objetivo no mundo dos valores



culturais" (Ibid, P. 15.)

A matéria e suas formas são menos familiares e paroquiais, menos promíscuas, revelando um novo significado. O de um Brasil mitologicamente, potência, talvez! Com novos atores erguendo a voz e rompendo o silêncio. Tal resenha começa a ser feita. O que se vê por enquanto, é um Brasil hiper-ativo!

#### NOTA

1- Afinal, temos um nova ordem particular de fenômenos desde a consolidação recente dos *mass media* no Brasil que nos propõe não só uma imagem de país e de nossa vizinhança mas também desafios a serem partilhados. Temos hoje, mais do nunca, símbolos sendo exorcizados pelos *media*, e que ocupam o imaginário das gerações. A visão funcionalista dos *media* aqui proposta é de integrar o Brasil e humanizá-lo a partir destes referenciais mediados. Sentir-se brasileiro hoje é mais simples pelo arcabouço tecnológico que está à disposição destes objetivos clássicos (aprendizado da língua, domínio da técnica, criação de hábitos comuns e subordinação política) e de novos que a conjuntura exige estímulo ao consumo, informação em volume e qualidade, produção de mitos e crenças.)

#### BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. *Brasil: Terra de Contrastes*. São Paulo: Difel, 1964.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Ecléia. *Cultura de Massas e Cultura Popular*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CHOMSKY, Noam. *Necessary illusions, thought control in democratic societies*. Boston South and Press, 1989.

CORBISIER, Roland. *Formação e problemas da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

IANNI, Octavio. *A idéia do Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAMBERT, Jacques. *Os dois brasis*. Rio de Janeiro: Inep, 1959.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Atica, 1977.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

JACQUES A. WAINBERG  
Prof. FAMECOS PUCRS  
Mestre em Jornalismo UNIVERSIDADE  
DA CAROLINA DO SUL